

**A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DE ALUNOS
SOBRE O PROGRAMA EDUCACIONAL
DE RESISTÊNCIA ÀS DROGAS**

Dieny Graciely Souto de Souza Melo (UEMS)

dienygssm@hotmail.com

Aline Saddi Chaves (UEMS)

alinechaves@uems.br

RESUMO

Considerar a escola como um espaço de demandas sociais que exigem respostas cada vez mais complexas, em particular porque as crianças e jovens que ali convivem têm sofrido o impacto do crescimento da oferta de drogas, logo, da violência, conduz a reconhecer a importância de um estudo aprofundado sobre as estratégias necessárias para intervir nesta problemática. O presente trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento sobre a representação discursiva de alunos do ensino fundamental de Campo Grande – MS sobre o Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD). Aplicado por policiais militares voluntários que se capacitam instrutores, este programa tem como objetivo principal a prevenção, com a intenção de que haja a produção de sentidos contra os usos e o tráfico de produtos ilícitos e lícitos por sujeitos que ainda se encontram em idade escolar. O *corpus* de estudo compõe-se de dados qualitativos obtidos a partir de enunciados recortados de questionários e textos redigidos por alunos do 5º ano do ensino fundamental. O referencial teórico empregado situa-se na Análise do discurso franco-brasileira, de modo a vislumbrar o aluno como ser social que reflete sua historicidade, ocupando uma dada posição sujeito. Os primeiros resultados da pesquisa apontam para uma situação de conflito, (re)velada no discurso dos alunos em contraste com os discursos circulantes que fazem, direta ou indiretamente, apologia ao uso de drogas. Com efeito, no processo de formação dos discursos de prevenção, é possível verificar como se constitui a representação discursiva e não discursiva na construção da identidade dos sujeitos em sua vida escolar, o que implica reconhecer a “incompletude” da existência.

Palavras-chave: Análise do discurso. Representação discursiva. PROERD.

1. Introdução

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, intitulada “Luz, câmera, ação: drogas não! A representação discursiva de alunos do ensino fundamental sobre o Programa Educacional de Resistência às Drogas – PROERD”, e tem como objeto de pesquisa o discurso de alunos que participaram desse programa.

O Programa Educacional de Resistência às Drogas, originalmente DARE (*Drug Abuse Resistance Education*), foi criado em 1983, em Los

Angeles (EUA). Desde 1997, o programa é aplicado no estado de Mato Grosso do Sul⁶³ pela Polícia Militar e desenvolve um trabalho em parceria com escolas da rede pública e particular, atuando no segmento da prevenção primária para alunos da educação infantil e do ensino fundamental.

O programa é posto em prática sob a forma de aulas, ministradas por policiais militares voluntários que se capacitam instrutores, atuando em conjunto com o professor de classe para desempenhar um trabalho de prevenção às drogas e à violência. Por meio das lições transmitidas, objetiva-se inculcar nos alunos um discurso de repulsa às drogas, pressupondo-se, pois, a circulação de um discurso que, direta ou indiretamente, faz apologia ao uso de drogas.

Para a análise dos discursos dos alunos proerdianos⁶⁴, uma parte do *corpus* foi coletada pelo método de questionário semiestruturado, do qual foram extraídos recortes de enunciados significativos para atender ao objetivo da pesquisa. Neste artigo em particular, buscamos fornecer uma compreensão sobre como são produzidos determinados sentidos e não outros, a partir do que foi assimilado pelos alunos do programa e relatado no questionário.

Nesta perspectiva, justifica-se a finalidade maior do presente trabalho, ressaltando-se que o cenário de vulnerabilidade ao qual estão expostos os sujeitos “alunos proerdianos” está relacionado não apenas à ação tóxica da droga em um organismo que se encontra em desenvolvimento, mas também a outros aspectos que, apesar de não serem atributos dos efeitos das drogas, enquadram-se nas características pertinentes aos chamados fatores de risco⁶⁵, sendo características próprias da idade como, por exemplo, a curiosidade, a insegurança e a impulsividade (FOSTER, 2013, p. 05).

⁶³ Em de 10 de fevereiro de 2010, o Programa Educacional de Resistência às Drogas obteve reconhecimento como política educativa de relevante interesse para a segurança pública, conforme Lei estadual nº 3.845 do Estado de Mato Grosso do Sul.

⁶⁴ O termo empregado refere-se aos alunos que participaram do Programa Educacional de Resistência às Drogas.

⁶⁵ Segundo definições da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), os *fatores de risco* são os que tornam a pessoa mais vulnerável a ter comportamentos que podem levar ao uso ou abuso de drogas. Já os *fatores de proteção* são os que contrabalançam as vulnerabilidades para os comportamentos que levam ao uso ou abuso de drogas (SENAD, 2013, p. 114).

Tais fatores convergem para a construção de circunstâncias que podem intervir na tomada de decisões dos jovens, ocasionando-lhes consequências negativas e danos futuros decorrentes do uso, em contraste com o prazer imediato causado pela droga.

2. Referencial teórico: a Análise do discurso francesa

A análise do discurso concebe a língua em movimento, mais especificamente, adicionada das condições históricas de produção dos discursos (PÊCHEUX, 1997). Neste sentido, a análise do discurso se demarca dos estudos linguísticos que têm por objeto a língua enquanto sistema abstrato, aquela que, segundo Saussure, é definida como um conjunto de elementos que se relacionam entre si, sendo fechada em si mesma.

Esta distinção é marcante porque, na análise do discurso, o estudo da língua se faz no contato estreito com o homem e a história. Desta dinâmica provém o conceito de discurso, pela relação intrínseca existente entre a língua e os sujeitos que dela fazem uso, procurando-se “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. (ORLANDI, 2012, p. 15)

Desse modo, para o analista do discurso, a fonte do sentido é alcançada por gestos de interpretação, que criam dispositivos teóricos para nortear a análise, sendo considerados como atos no domínio do simbólico, já que os objetos simbólicos intervêm no real do sentido.

Além disso, é necessário frisar que a análise do discurso ocupa um lugar de entremeio, visto ser uma disciplina que se situa no cruzamento das ciências sociais – a linguística, a história e a psicanálise –, sem, no entanto, considerá-las como campos distintos que, ao se unirem, se complementam. Antes, convém considerá-las como campos que por vezes retomam e ao mesmo tempo deslocam alguns fundamentos, para atingir o objetivo de compreender a relação existente entre língua(gem), ideologia e sujeito. É o que explica Orlandi (2012) nesta citação:

Interroga a linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (ORLANDI, 2012, p. 20)

Na tríade da análise do discurso, a língua reflete posicionamentos sócio-historicamente estabelecidos. Daí a pertinência do conceito de formação discursiva, definido como aquilo que “a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2012, p. 43).

Deve-se notar que este conceito aparece no diálogo estreito com a leitura althusseriana do materialismo histórico, que, por sua vez, objetiva compreender como a historicidade se materializa em discurso, não importando, para esta finalidade, o tempo cronológico na atribuição de sentidos, mas as condições sócio-históricas que conduzem à produção de sentidos por sujeitos igualmente atravessados pela história.

Neste quadro, a posição de entremeio ocupada pela análise do discurso favorece a compreensão de que, se há deslocamentos da língua e do materialismo histórico, o mesmo acontece com o sujeito, afetado que é pela ideologia.

Para Pêcheux (1988), o sujeito não possui a propriedade de seu discurso, visto que sua condição de indivíduo é tão somente simbólica, e seu discurso não lhe pertence, já que “[...] o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para livremente submeter-se às ordens do sujeito, para aceitar, portanto (livremente) sua submissão” (PÊCHEUX, 1988, p. 132).

É neste contexto que a ideologia afeta a construção dos sujeitos e dos sentidos, pois, segundo Orlandi “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos.” (ORLANDI, 2012, p. 46). É neste lugar que o indivíduo é interpelado em sujeito e seu discurso está intrinsecamente relacionado a esta posição.

Desta forma, os efeitos de sentido ocasionados pelos discursos levam em conta a exterioridade, isto é, as condições de produção, que podem ser melhor compreendidas como o contexto histórico, institucional, composto de um conjunto de dizeres já proferidos, a tal ponto que já foram submetidos ao esquecimento (PÊCHEUX, 1997). Dito isso, nenhum discurso existe *aqui e agora*, mas remete a um outro (discurso), devido a uma anterioridade que o precede, constituindo um espaço de memória, a memória discursiva, como explica Orlandi (2012) a seguir:

Na tensão das relações significativas – na memória, onde o sujeito não alcança como os sentidos estão nele – faz-se sentido antes que ele faça sentido, estabelecendo-se um processo em que joga o gesto de interpretação, a formulação. É a esta que temos acesso. (ORLANDI, 2012, p. 13)

Assim, o discurso, objeto de estudo da análise do discurso, pode

ser definido como objeto concreto, histórico, fruto e produto de uma coletividade, já que não pertence a alguém; é ideológico, um acontecimento que surge no bojo das relações sociais; é efeito de sentido entre locutores (ORLANDI, 2012, p. 21).

3. As análises: conhecer e saber x conhecer e praticar

Com base neste referencial teórico, é importante enfatizar que as análises propostas neste artigo consideram que a relação entre o conhecimento e o saber sobre o fato do mundo não significa que o sujeito, automaticamente, transformará esse saber em “práticas não discursivas” (PÊCHEUX, 1988). Não basta que os discursos sejam proferidos para que seus efeitos sejam praticados da maneira desejada por aquele que os proferiu.

Tendo isso em vista, podemos afirmar que o sentido não é recuperável no significado semântico da palavra, mas “é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é reproduzidas)” (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

Por conseguinte, a pesquisa acerca das representações discursivas dos sujeitos alunos proerdianos retrata, em uma perspectiva de análise do discurso, algo que vai além do simples conhecer e saber informações sobre esses sujeitos. Pois, no funcionamento da linguagem, o discurso não é fechado a simples transmissões de informações; ele retrata amplas possibilidades de produção de sentido num complexo processo de formação do sujeito enquanto estes são afetados pela língua e pela história.

Daí, torna-se interessante o fato de (re)conhecer, por meio dos discursos analisados, que apesar de os sujeitos alunos do Programa Educacional de Resistência às Drogas receberem o conhecimento acerca da prevenção às drogas, os mesmos não são/estão obrigados a fielmente praticarem a recusa às drogas.

Apresentamos, a seguir, os enunciados de quatro alunos, constantes das respostas aos questionários aplicados. A análise divide-se em dois blocos; no primeiro bloco, analisamos os sentidos dos ditos e dos “não ditos”, presentes no interdiscurso. No segundo bloco, analisamos o conflito (re)velado no discurso dos alunos em contraste com os discursos publicitários, discursos do cotidiano e discursos midiáticos que ora evocam, ora fazem a apologia das drogas.

4. *Discurso dos alunos que participaram do PROERD*⁶⁶

Notamos, para identificação do enunciado de cada aluno entrevistado, a indicação **E**.

- (E1) A o PROERD é muito Bom pra nós por que? fala sobre adroga e é muito Bom ai nós não coloca cigarro na boca drogas e nem outras coisa de alcoolica.
- (E2) (...) o cara que o omen que fuma droga ele acha que é o Banbanban e que Bate em todo mundo.
- (E3) (...) as drogas fazem muito mal e mechem com as pessoa daí as pessoas querem roubar, cometer atos de violência, etc.
- (E4) (...) o aucou deicha a pessoa maluca.
- (E5) (...) quando se bebe bebidas alcoolicas a pessoa não sabe o que faz.

As primeiras análises estão relacionadas ao Bloco I, relacionado às construções de sentido acerca das representações discursivas sobre as drogas, sendo consideradas as condições de produção e o interdiscurso presente nos discursos dos alunos proerdianos.

Nestes enunciados, há, por parte dos alunos entrevistados, a percepção dos sentidos construídos a partir dos discursos existentes em resposta às perguntas realizadas. Nas análises, procuramos demonstrar como o uso de termos como operadores argumentativos podem exercer influência para a construção do sentido.

Em **E1**, à pergunta “*Qual a importância do PROERD para você?*”, o sujeito afirma ser o programa muito bom, explicando que é bom para que ele não use drogas, sendo este um dos resultados pretendidos pelos discursos de prevenção do programa. Tal sentido, neste aspecto, está apresentado de maneira explícita, está posto, sendo o já dito, com ênfase no termo *muito bom*, o que pode levar ao sentido de este sujeito ter realmente considerado importante o fato de abordar o tema proposto.

Mas, quando relacionamos este discurso ao de **E2**, é possível reconhecer um não dito presente em ambos os discursos, observável pelo uso dos caracteres maiúsculos em *Bom*, *Banbanban* e *Bate*. Esse recurso gráfico seria facilmente compreendido como uma necessidade de frisar

⁶⁶ No intuito de conservar a originalidade das respostas fornecidas pelos alunos, optamos, neste artigo, por não adequar os desvios da norma padrão da língua portuguesa. Essa opção encontra respaldo no fato de que esses desvios são, eles mesmos, portadores do sentido relacionado à representação discursiva desses sujeitos sobre o tema abordado.

fatos relevantes de uma maneira proposital. No entanto, se considerarmos as condições de produção subjacentes a estes discursos, temos que nenhum discurso surge *aqui e agora*, mas remete a outro, como explica Orlandi (2012) a respeito da tensão das relações significativas, em que o sujeito não detém o controle do(s) sentido(s), pois “faz-se sentido antes que ele faça sentido” (ORLANDI, 2012, p. 13). Dito de outro modo, o sentido, veiculado por termos da língua, existe antes do sujeito, está inscrito na história e na memória.

Nessa perspectiva, compreende-se melhor o efeito de sentido obtido pela ênfase dada por este sujeito, de forma inconsciente, aos termos destacados. Ao passo que **E1** evidencia o lado bom de se abordar o efeito do programa sobre o tema das drogas, **E2** emprega o mesmo recurso gráfico para frisar o lado ruim de quem utiliza drogas, já que, ao afirmar que aquele que pratica tais atos “[...] *acha que é o Banbanban e que Bate em todo mundo*”, ele acaba “revelando” um conhecimento sobre os efeitos produzidos pelas drogas, ao associá-las à violência causada por seu uso.

Além deste aspecto, ao considerarmos as condições materiais de existência da historicidade deste sujeito, observamos que ele não demonstra domínio dos recursos linguísticos necessários para tal ênfase, de maneira consciente. Isso porque, além das características próprias da idade deste aluno, existem as características presentes na construção de seu texto, o qual manifesta estar à margem da chamada norma padrão escrita da língua portuguesa.

Para reconhecimento deste fato, faz-se oportuno referenciar a posição do sujeito em **E1**, o qual se encontra em pleno processo de escolarização no 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal. A partir desta informação, que situa parte do contexto de suas condições de produção, temos marcado por **E1**, nas respostas ao questionário aplicado, muitos desvios da norma “dita” padrão da língua portuguesa, o que, de certa forma, evidencia a dificuldade do aluno em construir textos dentro dos padrões estabelecidos por tal norma.

Por estas considerações, podemos compreender que este sujeito não manifesta suas intenções de maneira consciente, pela utilização de palavras grafadas com as iniciais maiúsculas. Infere-se, portanto, uma maneira de explicitar, por deslizamentos de sentido, evocado pela memória discursiva, o discurso do professor sobre as utilizações de letra maiúscula para a escrita de nomes próprios, ocorrendo, no entanto, os chamados “efeitos metafóricos”, marcados pela transferência da utilização

da letra maiúscula nos termos constantes em **E1** e **E2**, considerando, para tanto, a noção de metáfora como:

[...] imprescindível na análise do discurso. Ela não é considerada, como na retórica, como figura de linguagem. A metáfora (cf. Lacan, 1966) é aqui definida como a tomada de uma palavra por outra. Na análise de discurso, ela significa basicamente “transferência”, estabelecendo o modo como as palavras significam. (ORLANDI, 2012, p. 44).

Por conseguinte, acerca da representação das drogas em sua relação com a violência, observa-se, através da memória discursiva, uma certa representação discursiva da violência por parte do usuário de drogas. Esta representação é materializada num discurso que deixa transparecer um sujeito que, possivelmente, já tenha presenciado fato análogo ou até mesmo consumido drogas. Essa interpretação é possível de ser feita se levarmos em conta as formações imaginárias produzidas por um sujeito que ocupa a posição de sujeito aluno. Quando indagado, este aluno é levado a compartilhar suas experiências, por isso devemos nos ater ao fato de que as condições de produção implicam, além do mecanismo imaginário, “o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem)” (ORLANDI, 2012, p. 40).

E é por isso que Orlandi (2012) afirma que o sujeito é falado pela ideologia tanto quanto é falado pelo inconsciente, já que o discurso materializa a ideologia e se constitui no lugar teórico do qual é possível observar a relação da língua com a ideologia.

Os demais discursos, proferidos por **E3**, **E4** e **E5** produzem efeitos de sentido semelhantes, pois relacionam o uso das drogas à violência.

Neste segundo bloco, será demonstrado, a partir das análises dos discursos dos alunos participantes do Programa Educacional de Resistência às Drogas, como os efeitos de sentido são produzidos ao (re)velarem um conflito que (de)marca uma disputa de espaços entre os discursos que são favoráveis à prevenção às drogas, em situação de conflito com os discursos do cotidiano, no próprio ambiente escolar e nos discursos publicitários, pelo fato de evocarem discursos de apologia, explícita ou sugestiva, ao uso de drogas.

A partir das representações discursivas de **E2**, **E3**, **E4** e **E5**, há, por parte dos sujeitos alunos do Programa Educacional de Resistência às Drogas, uma relação que associa drogas a violência. Neste bloco, serão abordados os efeitos de sentido produzidos por um possível conflito com

certa representação da droga nos discursos do cotidiano, midiático e publicitário.

Ao analisar os discursos dos alunos que participaram do Programa Educacional de Resistência às Drogas, enquanto “posição sujeito”, percebe-se que os efeitos de sentido produzidos acerca de quem usa substâncias psicoativas não são associados apenas aos problemas de saúde que o uso de drogas pode desencadear, mas, também, a representações violentas, sugerindo atos que estão à margem da lei, conforme descrito no quadro abaixo:

Quadro I

Repre- sentações Discursivas Subs- tância Psicoativa	Problemas de saúde/ alteração de personalidade	Violência	Cri- minalidade
Tabaco (droga fumada)	“[...] acha que é o Banbanban [...]”	“[...] Bate em todo mundo [...]”	----- --
Álcool	“[...] deicha a pessoa maluca [...]” “[...] a pes- soa não sabe o que faz [...]”	-----	----- --
Outras drogas	“[...] fazem muito mal e me- chem com as pessoa [...]”	“[...] co- meter atos de vio- lência [...]”	“[...] as pessoas querem rou- bar [...]”

Para considerar os efeitos de sentidos produzidos a partir destes discursos, faz-se necessário frisar que a circulação de qualquer discurso deixa sua marca de existência enquanto possibilidade de produzir certos efeitos de sentido e não outros, cujas condições de produção e circulação acabam concorrendo e disputando com outros discursos em espaços de coexistência. Pois, a existência de um discurso supõe a existência de outros com sentidos distintos e sujeitos a interpelar (ORLANDI, 2012).

Desta forma, no caso do Programa, a existência do discurso do

Programa Educacional de Resistência às Drogas vem disputar espaços dentro do conflito dos discursos sobre os usos de produtos lícitos e ilícitos, ou seja, um discurso que interpela sujeitos em várias idades para o consumo destes produtos, considerando que a relação do indivíduo com cada substância psicoativa depende do contexto, podendo ser inofensiva ou apresentar poucos riscos, mas podendo assumir, também, padrões de utilização altamente disfuncionais, com prejuízos biológicos, psicológicos e sociais, o que, historicamente, tem causado muitos problemas de saúde pública, direta ou indiretamente.

A esse respeito, consideremos, inicialmente, nos discursos do cotidiano, a oferta de drogas (lícitas ou ilícitas) no próprio contexto escolar, num momento em que o aluno, em sua posição sujeito, é abordado por seus colegas, pares ou maiores de idade no ambiente em que convive/passa a maior parte de seu tempo, considerando-se a escola como uma instituição social de influência determinante para a construção de múltiplos conhecimentos, pela qual todas as crianças e adolescentes passam (ou deveriam passar) um período importante de suas vidas.

Nestas condições de produção, percebe-se a materialização de um discurso dominante, através da pressão que este sujeito sofre, porque ao querer enturmar-se com os demais para ir contra a ideologia que produz o dito “careta”, reproduzindo os discursos de formação ideológica que, de forma direta ou indireta, fazem a apologia do uso de drogas, este sujeito se encontra em um impasse, ou melhor dizendo, em um momento crucial para sua vida, na medida em que suas decisões implicarão nos resultados que lhe marcarão em sua constituição simbólica.

Estas condições de produção apresentam um dos aspectos em que o Programa Educacional de Resistência às Drogas disputa espaços dentro do conflito dos discursos sobre os usos de produtos lícitos e ilícitos, porque em seu próprio material de trabalho há os discursos direcionados ao auxílio da tomada de decisões destes sujeitos, a exemplo das lições “Decidindo de forma confiante” e “As bases da amizade”, sendo que esta última aborda o tema da pressão do grupo.

Sob este ponto de vista, temos que o discurso dominante motivador ao uso de drogas, enquanto oferta no próprio ambiente escolar, encontra-se em oposição ao discurso de prevenção às drogas no mesmo ambiente. Fato este que nos traz a indagação sobre como este sujeito aluno é interpelado por tais discursos. Pois, se “o discurso materializa as representações ideológicas. [...] as formações ideológicas só ganham

existência nas formações discursivas” (FIORIN, 1997, p. 34), como a constituição da identidade deste sujeito é afetada?

Retomando o princípio de que o sujeito não possui a propriedade sobre seu discurso (PÊCHEUX, 1988), tendo em vista que seus dizeres estão relacionados a sua condição de sujeito, e não de indivíduo, observamos, nos enunciados do quadro 1, que as representações discursivas sobre as substâncias psicoativas manifestam as formações ideológicas destes sujeitos. Isso denota, de certa forma, que, além dos discursos dominantes favoráveis ao uso de drogas e dos discursos de prevenção às drogas, há o materialismo histórico em que estes sujeitos reproduzem seus discursos a partir das relações que identificam o uso destas substâncias à violência.

Outros discursos socialmente circulantes que disputam espaços dentro do conflito dos discursos sobre os usos de produtos lícitos e ilícitos referem-se, por exemplo, aos campos da mídia – imprensa e publicidade. Vejamos a imagem da publicidade a seguir:



Fig. 1:

Tubarão (Propaganda da Skol – Campanha “Um por todos. Todos por uma” 2011)

Para esta análise, partiremos de uma breve interpretação dos efeitos de sentidos obtidos no discurso publicitário, levando em conta somente os fatos referentes aos discursos que promovem o uso de drogas, neste caso o uso do álcool como droga lícita.

Nesta peça publicitária, temos a promoção de uma bebida alcoólica, com o *slogan* “Um por todos. Todos por uma”. Nela é retratada uma reunião de amigos que se divertem em uma praia e ficam curiosos ao avistarem uma grande caixa térmica – da marca da bebida anunciada –

boiando sobre a água. Por ficarem interessados pelo objeto, eles resolvem pedir a ajuda de um surfista “fortão” que os alerta sobre a presença de tubarões na água. No entanto, os amigos demonstram bom humor e desafiam o surfista: “Tá com medinho do tubarão?” “Vai morder um dedinho?”, e entram no mar, conseguindo, juntos, resgatar a caixa térmica e sair orgulhosos por carregarem os tubarões até a areia. O surfista fica espantado com a suposta coragem dos amigos e se assusta quando um dos amigos traz um tubarão acoplado à cabeça. Este levanta a mandíbula do tubarão e repete para o surfista: “Mané!”.

Neste anúncio publicitário televisivo, um gênero pertencente ao discurso publicitário, encontramos uma materialidade discursiva que reforça a importância de se estar entre amigos, pessoas de quem gostamos. A este ambiente, ou condições de produção, é associado o uso da bebida alcoólica, já que, ideologicamente falando, é de senso comum que as pessoas gostam (sejam interpeladas) de (por) lugares aconchegantes, como praias ensolaradas, tal como representado no anúncio.

As estratégias persuasivas do discurso publicitário utilizam-se de atrativos para conquistar o público consumidor potencial do produto anunciado, associando o uso de bebida alcoólica a bem-estar, amizade, apresentando um momento de lazer entre amigos que compartilham dos mesmos ideais, o que é facilmente inferido pelo título da campanha: “Um por todos. Todas por uma!”. Este enunciado alude, com efeito, à célebre frase do escritor francês Alexandre Dumas, no romance de aventuras “Os três mosqueteiros”. A frase é retomada, interdiscursivamente, neste anúncio, com a alteração do segundo sintagma: “Todos por uma”... cerveja.

Neste quesito, o enunciado analisado produz o sentido de que vale a pena se expor, colocando em risco a própria vida, já que, estando entre amigos, são fortes e devem (discurso manipulador) compartilhar do mesmo ideal, para que não compartilhem da formação ideológica, segundo a qual, quem não se arrisca é covarde. Analogamente, o enunciado conduz o sujeito leitor a produzir o sentido de que quem não se arrisca a consumir bebida alcoólica e vivenciar novas aventuras é covarde, ou como o próprio final do anúncio diz, é um “mané”.

Por ora, as análises apresentadas apontam para a existência de uma disputa de espaços entre os discursos de prevenção às drogas e aqueles que promovem o uso de drogas lícitas ou ilícitas – de forma direta ou indireta –, fazendo com que os indivíduos, numa determinada posição su-

jeito, façam uso dessas substâncias psicoativas, o que nos permite aferir que estes discursos são desfavoráveis à prevenção, pelo fato de evocarem discursos apelativos.

5. Considerações finais

Tendo-se em consideração que a análise do discurso abarca várias possibilidades de leitura por outros sujeitos e, dependendo das condições de produção, até pelo/para o mesmo sujeito, consideramos que ainda existem inúmeros questionamentos acerca das considerações feitas ao longo do desenvolvimento deste artigo.

Contudo, procuramos mostrar, nas análises apresentadas, que existem discursos dominantes que interpelam sujeitos a (re)produzir algumas práticas, ao passo que outros não. E, na intenção de se entender o processo de produção de sentido(s) acerca das drogas, considerando os discursos de alunos inseridos em uma faixa etária de grande vulnerabilidade, é forçoso reconhecer a necessidade das práticas de prevenção num ambiente tão complexo quanto o da escola.

Desta forma, destaca-se que o efeito de sentido produzido no/pelo discurso do sujeito que ocupa a posição de aluno do Programa Educacional de Resistência às Drogas, pode nos levar a identificar como se constitui a representação discursiva e não discursiva na construção da identidade desses sujeitos em sua vida escolar, o que implica reconhecer a “in-completude” da existência.

Cabe ressaltar, para tanto, que, no processo de análise pelo dispositivo teórico-metodológico da análise do discurso, cumpre ao analista mobilizar as categorias que irão nortear a análise, e são estes gestos de interpretação que irão permitir a emergência dos efeitos de sentido produzidos a partir das representações discursivas. A esse respeito, não tivemos a pretensão de esgotar as possibilidades de interpretação deste tema no espaço limitado de um artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. *Prevenção do uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias*. 5. ed. Brasília: SENAD, 2013.

FOSTER, A. R. *Combate às drogas: a importância da ampliação do PROERD na educação básica*. Lins: Unilins – Universidade de Lins/SP, 2013.

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

ORLANDI, E. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2012.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad.: Eni P. Orlandi et al. Campinas: Unicamp, 1988.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad.: Bethania S. Mariani et al. Campinas: Unicamp, 1997, p. 61-161.

PROERD. Uma escola de cidadania para a vida. 5º ano. Livro do estudante. Campo Grande: Secretaria de Segurança Pública, [s./d.].

Propaganda da Skol. Disponível em:

<<http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/skol-apresenta-setimo-comercial-da-campanha-um-por-todos-todos-por-uma>>. Acesso em: 28-03-2015.